

LIÇÕES DO HAITI - 2

PROBLEMAS COM OS BLINDADOS



Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
defesa@ufjf.edu.br

Desde 2004 quando o Brasil assumiu a **MINUSTAH** no Haiti, os desafios tem sido grandes, principalmente no que se refere ao emprego dos blindados transporte de pessoal 6x6 **EE-11 Urutu**, de fabricação nacional.

O emprego desses blindados em missões de paz já vem desde 1995, quando alguns participaram, sob a égide das Nações Unidas, em Angola na **UNAVEM III**, onde cumpriram missões de reconhecimento, patrulhas de demonstração de força, escolta de comboios.

Sem dúvida o Haiti tornou-se o grande laboratório, do Exército, para o emprego de blindados sobre rodas em zona urbana e tem servido também para se fazer uma comparação com os diversos modelos empregados por todas as demais forças que integram a missão.

Vivendo situações intensas dia e noite, os blindados estão tendo um grande desgaste, pois operam sistematicamente em áreas densamente povoadas e com toda a sorte de detritos espalhados pelas ruelas estreitas em áreas de grandes favelas, enfrentando ainda a hostilidades de gangues armadas.

Os maiores problemas estão ocorrendo em virtude da grande perda em pneus, sejam cortados pelos meio-fios, entulhos, pedras, restos de automóveis, buracos e demais detritos, que comprometem também toda a suspensão, motores e caixas de transmissão, expondo os combatentes a se tornarem alvos em potencial pelos integrantes das gangues que infestam grandes áreas da capital Porto Príncipe, obrigando

muitas das vezes a trafegarem com todas as escotilhas fechadas, o que diminui em muito o campo de visão.



Os quatro EE-11 Urutu que integram um pelotão, tendo ao fundo os demais e logo atrás do que possui lâmina está um blindado Uruguaio OT-64 M-94 e fabricação Checa. À direita um Urutu sem um dos pneus traseiros danificado em uma missão. (Fotos: Sgt. Brandão)

Na parte de proteção diversas medidas foram tomadas no sentido de aumentá-las, como cabine blindada para o motorista, blindagem totalmente fechada sobre a torreta do carro e mais recentemente um berço blindado ao redor das quatro escotilhas situadas na parte traseira superior do veículo, além de adaptar uma lâmina frontal em alguns Urutus, o que possibilita a remoção de obstáculos ao longo das vias.

O trânsito é totalmente caótico, o que dificulta um pouco o deslocamento das forças da missão de paz, muito embora as unidades de engenharia tem trabalhado para melhorar as vias e coordenar melhor todo este caos.



Entulhos e ruelas estreitas no Haiti. (Fotos: Sgt. Brandão)

Só para se ter uma idéia, um pelotão composto por quatro blindados **EE-11 Urutu**, em 188 dias de operação, que é a média de cada contingente, rodou em média 16.000 km (21,4 km por dia), consumindo 7.500 litros de combustível, nas mais variadas situações, e teve uma perda de três pneus, mas já houve caso nos primeiros contingentes de se perderem no total geral, envolvendo todos os blindados, mais de cem, com uma recuperação em torno de 50%.

Todo esse desgaste tem colocado indisponível alguns blindados, e esses estão sendo reenviados ao país para novamente serem repotenciados no Arsenal de Guerra de São Paulo (AGSP), aonde chegam em péssimo estado, alguns com diversas marcas de tiros e até mesmo com perfuração, o que não poderá ser feito indefinidamente.

Dependendo do tipo de avaria, essas podem ser feitas pelos mecânicos no próprio acampamento, dia e noite, o que visa a evitar que se tenham veículos indisponíveis.

Quando é impossível resolver os problemas, o trabalho maior é colocá-los em pranchas para serem levados até os navios que os trazem de volta ao país, pois a maioria não está funcionando e precisam ser rebocados, num trabalho que pode levar até três horas, por veículo. Mas mais uma vez a experiência demonstrou que esta situação pode ser reduzida a meia hora, bastando apenas ter o apoio de equipamentos das unidades de engenharia de outros países que integram a **MINUSTAH**.



À esquerda, dois Urutus sofrendo manutenção no Haiti e à direita como chegam no AGSP para o novo repotenciamento. (Fotos: Sgt. Brandão e autor)

Um exemplo interessante e que merece ser registrado é que as unidades Chilenas possuem empilhadeiras, de fabricação americana, com capacidade de levantar cargas de até 15 toneladas e como o Urutu pesa 12, foi possível com o uso de uma delas remover, levantar e colocar sobre as pranchas os cinco EE-11 recentemente enviados de volta, facilitando em muito o trabalho de remoção.



Na seqüência acima e abaixo, a empilhadeira TCM FD-150s se posicionando, levantando, transportando e colocando o EE-11 Urutu sobre a carreta. (Fotos: Sgt. Brandão)



O certo é que este laboratório tem dado uma grande contribuição para o dia a dia da tropa, pois as situações reais criadas pelo tipo de missão são bem diferentes das simuladas ou que ocorrem em manobras da própria unidade ou em com diversas outras ao longo da carreira abraçada pelos integrantes dos escalões de manutenção e logística que integram o Exército.
